

# ONDE O INTENSIVISMO E A LITERATURA PODEM ENCONTRAR-SE\*

## Conferência de Homenagem a Rui Carrington da Costa

O nosso actual Presidente da Sociedade Portuguesa de Cuidados Intensivos, Presidente deste Congresso, cuja amizade me chegou pela mão de Rui Carrington da Costa, procurou-me há poucos meses para me dirigir um convite especialmente honroso e tocante: uma conferência de homenagem ao nosso comum e querido Amigo, que há cerca de um ano deixou de conviver connosco.

É evidente que, em face da gentileza e da ternura do convite e também pela amizade e profunda admiração que me ligavam ao homenagiado, a resposta só poderia ser uma: aceitar e agradecer.

Pensei naturalmente na escolha do tema sobre que me debruçaria.

Quis o acaso que me viesse parar à mão um pequeno e maravilhoso livro, escrito por Italo Calvino, escritor que nasceu em Cuba e viveu desde criança em Itália (salvo um intervalo de 13 anos para estudar e se licenciar em Letras, na cidade de Paris).

Esse livro engloba seis *leituras* intituladas *Seis propostas para o próximo Milénio*, que o autor escreveu com grande entusiasmo, sobre temas à sua escolha, a convite da Universidade, de Harvard no Massachussets, para aí as apresentar. Na tertúlia que o rodeava eram as suas prelecções comumente apelidadas de *lições americanas*.

Ao ler os seis títulos – LEVEZA, VELOCIDADE, EXACTIDÃO, VISIBILIDADE, MULTIPLICIDADE, CONSISTÊNCIA – logo me chamaram a atenção os primeiros três.

Assaltou-me a ideia de que algumas destas propostas, dirigidas, na essência, à realização duma boa literatura, se afiguravam transmutáveis ou intransferíveis para outros campos de actividade tais como a Medicina Intensiva ou o Intensivismo.

Vou procurar explicar a génese do meu pensamento, à primeira vista um pouco obscuro. No III Congresso da Sociedade Portuguesa dos Cuidados Intensivos, que decorreu em Coimbra, já no Hospital Novo, sob a presidência de Carrington da Costa, quis ele convidar-me para realizar a lição de encerramento sobre um tema à minha escolha.

Essa lição intitulei-a *Caminhos do Intensivismo* e foi publicada no Boletim da nossa Sociedade (n.º 1, Nov.-Dez., 1987).

Disse eu então e repeti dum modo sucinto num Editorial da Acta Médica Portuguesa (Janeiro de 1994), por solicitação de A. Sales Luís, que através de caminhos difíceis, a Medicina Portuguesa Intensiva obriga o Internista a preocupar-se, prioritariamente, mais com a síndrome do que com a doença, transformando-o no Intensivista, isto é num Internista-Fisiopatologista que actua em velocidade: velocidade no diagnóstico e velocidade na terapêutica.

Esta citação, que me permito, dum conceito que eu mesmo propus, vem em socorro da já referida transmutação ou transposição de sentido ou vectores, orientando-os para outras finalidades.

A VELOCIDADE e a EXACTIDÃO, que Italo Calvino apontava como propostas para a literatura do próximo milénio, com um propósito da sua valorização, apresentavam-se-me, graças à versatilidade das palavras, permissiva do milagre que se chama TRANSFIGURAÇÃO, como qualidades imprescindíveis na actuação estratégica do Intensivista.

Assim, pelo que à VELOCIDADE diz respeito, Calvino, no campo da literatura, aconselha um aforismo siciliano, que é realmente um primor de síntese:

*O conto não pode perder tempo*

\* Congresso Ibero-Americano de Medicina Intensiva. Lisboa 1995

A ideia que mais importa nesta máxima não é a da velocidade física, mas sim a da relação entre a velocidade física e a velocidade mental.

Quero eu agora, dando uma volta, dizer que se *o conto não pode perder tempo* na literatura, também na elaboração do acto médico (especialmente no sector da Medicina Intensiva) o diagnóstico da síndrome e a terapêutica não o podem perder.

Não foi por acaso que Einstein, em 1921, publicou um texto sob o título *O que a experiência artística e científica têm de comum*.

E a propósito da EXACTIDÃO, Calvino discorre:

*Para os egípcios, uma pluma, que servia de peso no prato duma balança onde as almas eram pesadas, era a deusa da balança.*

Na literatura torna-se necessário um projecto bem definido e calculado. Flaubert chega ao ponto de lembrar que :

*O bom Deus está no pormenor.*

Se em todas estas citações não se falasse de literatura, como seria fácil para nós, médicos intensivistas, aceitá-las como dirigidas À Medicina Intensiva. Para corroborar o conceito de Intensivismo atrás enunciado, há que insistir no papel que a VELOCIDADE e a EXACTIDÃO desempenham na sua prática. E o ponto crucial reside em alcançar uma conjugação harmónica dos dois factores: sabemos que, por vezes, eles tendem a prejudicar-se e a contrariar a obtenção da referida harmonia.

Conseguir a exactidão com velocidade é difícil, naturalmente a experiência e o estudo são factores que interferem na redução da dificuldade.

Curiosamente, ao acabar de escrever estas palavras, vem-me à ideia que , se dermos uma volta em sentido contrário ao que há pouco utilizamos – isto é, no sentido Medicina Intensiva/Literatura – não sofrerá prejuízo a lógica.

Eis o que as duas propostas de Calvino – VELOCIDADE e EXACTIDÃO – por ele genialmente discutidas, me sugeriram, e que retenho, não sei se abusando um pouco do direito de transferência na aplicação das palavras.

Uma vez que falamos de palavras, façamos uma breve referências às letras, seus elementos constitutivos. Para Lucrécio, elas eram átomos em contínuo movimento, que com as suas permutações, criavam as palavras e os sons mais diversos.

Numa curta poesia, intitulada *Animação*, assim se transfiguraram:

Crianças pequenas,  
irrequietas,  
brincando e saltando,  
mexendo em tudo,  
fazendo asneiras,  
as letras!

E Galileu encarou-as bem mais a sério, afirmando que os vinte caracteres do alfabeto permitiram ao homem o espanto da comunicação mútua e, bem mais do que isso, o fascínio da comunicação com aqueles que hão-de vir a nascer num futuro longínquo, conforme Calvino cita.

Dadas a força criativa e a capacidade de sugestão e coesão que possuem, as palavras que as letras formam proporcionam uma infinita figuração e uma infinita transfiguração de ideias. Eu penso que é este fenómeno ou acontecimento que permite eliminar fronteiras entre as vários sectores da ciência e da arte, consentindo ou vindo a consentir a síntese de todas as análises, de modo a revelar que as mais diversas facetas do conhecimento podem e tendem a constituir, afinal, uma unidade.

Para terminar um primeiro capítulo desta minha exposição, em que mais especialmente me centrei no que se relaciona com a Medicina Intensiva, recordarei que ela surgiu *como uma resposta explosiva a uma pressão derivada do choque, em turbilhão, de aspirações, ansiedades, necessidades e até frustrações da medicina de 1952, então senhora de conhecimentos teóricos avançados e duma presciência de técnicas. Faltava o toque no interruptor para desencadear o movimento da prática, movimento, ele só criador de revelações e interrogações*, conforme afirmei em *Função dos Cuidados Intensivos na Medicina*

*Portuguesa* (V Encontro de Anestesiologistas Portugueses, Hospital de Santo António, Dezembro de 1987).

Talvez se possa dizer que o Intensivismo nasceu na Dinamarca, quando da epidemia de poliomielite em 1952.

Em Portugal, dum modo organizado, iniciou-se em Coimbra pela mão de Rui Carrington da Costa e, dois anos depois, no Porto, sob a égide de Corino de Andrade.

Das *Seis Propostas* de Italo Calvino descorri um pouco sobre a VELOCIDADE e a EXACTIDÃO. Quero referir mais uma – a LEVEZA – esta, agora, perdoem-me a ousadia, no mesmo sentido que o Autor, isto é, no sentido literário, embora com a humildade de um modesto leitor, maravilhado pelo génio do Escritor e agradecido ao tradutor excelente José Colaço Barreiros.

Aliou-se à minha ousadia o convite de Jorge Pimentel quando amavelmente solicitou a minha vinda aqui, dizendo-me: fale-nos do que quiser e de poesia também, se assim o entender.

Foi com muita seriedade que me lançou a sugestão e que eu, com muita seriedade também a aceitei. É que a poesia, comungando nós então a lembrança do Amigo comum recentemente desaparecido bailava teimosamente na sua mente e na minha.

Posto isto, é de LEVEZA e POESIA que lhes vou falar, continuando a servir-me da leitura e da meditação das *propostas americanas* e socorrendo-me também de excertos de textos de alguns Escritores que se interessaram por temas afins e, ainda, de um ou outro, pessoais, que me pareceu terem cabimento à maneira de comentário.

Italo Calvino encarou as *Seis Propostas* como um desafio, que se foi tornando para ele uma autêntica obsessão. De todas, a que mais me cativou, talvez por ser a mais poética, foi a primeira do seu memorando: a LEVEZA.

O Autor começa por referir-se à oposição leveza – peso e pergunta: *Por que motivo não falar antes do peso?* Logo responde dum modo extremamente simples e poético: *Porque tenho mais coisas a dizer sobre a LEVEZA.* E denomina o trabalho literário que faz, de subtracção do peso.

E já que falamos de poesia, gastemos um pouco de tempo em busca de um conceito que a defina.

Aristóteles afirma que o drama é a sua verdadeira raiz, secularizada ao longo do tempo. Para Homero o estilo épico terá sido o conhecimento mais precoce da poesia.

Criticismo da vida, exteriorização espontânea das sensações, expressão da imaginação foram outras tantas definições adoptadas por autores diversos.

Tudo isto, são no meu entender, pontos de vista válidos mas parciais, isto é, parcialmente válidos.

Eu creio que estes conceitos, bem como outros, que deram origem aos diversos estilos e escolas literárias através dos séculos, contribuíram para a consciencialização e melhor compreensão da poesia, mas a sua beleza essencial reside no que ela tem de indefinível. Parece-me vir a propósito a leitura de *ANTECIPAÇÃO*, escrita em louvor da poesia e publicada em 1978:

Ainda a folha se não agita,  
e tu já és aragem:  
a tua força infinita  
antecipa-se à imagem.

Ainda a madrugada não rompeu,  
tu já es luz.  
Ainda Cristo não nasceu,  
já anuncias a cruz.

Ainda é silêncio, e a tua voz, à frente,  
vai, desprendida.  
Ainda a Vida é semente,  
e tu já és a Vida.

Drumond de Andrade, o grande poeta brasileiro, afirmou: *Quando eu estou escrevendo poesia, pelo puro prazer de escrever, eu sinto uma certa emoção, como que um certo calor, como se a minha temperatura se elevasse. Mas não é um transe. Eu estou vendo as palavras que estou empregando, estou maquinando como uma pessoa que está querendo fabricar uma coisa. É um estado de alerta muito especial, que depois passa.*

A tentativa de exprimir o momento da criação poética inspirou os versos que vou ler (1989):

Passear com Deus de mãos dadas  
e discutir com ele de homem para homem,  
Tratar o vento por tu. perceber-lhe os assobios,  
caminhar rente ao luar  
até lhe roubar a côr,  
entrar pelo mar dentro  
certo de que é possível possuí-lo,  
pegar em cada sílaba como se fosse partir  
e abrir-lhe as mãos deixando-a fugir como um pássaro,  
eis alguns privilégios do génio,  
não sei se humanos só ou divididos.

Sempre na esteira da beleza, Italo Calvino, refere-se a Cavalcanti como o *poeta da leveza* e chega a falar da *poesia do nada*.

Atrevo-me, dentro do tema da LEVEZA tocando a poesia do nada, a ler um soneto, um pouco insubmisso na sua forma, em que foram procurados um tecido verbal e imagens o mais leve possível.

Chama-se mesmo

#### SONETO (1978)

Quero compor-te ... e as sílabas estrago.  
A luz, o vento, a aragem  
são por demais pesados e concretos.  
Eu quero-te mais leve e ainda mais vago,  
transparente, impreciso, sem roupagem  
e mais fluido que todos os sonetos.  
Diferente de tudo e todos, com  
lâminas de cristal vibrando som.

Quero-te assim como uma revoada  
de anjos e coros celestiais ...  
Nem assim, já que os tons da madrugada  
são para te dar côr fortes de mais.  
Só podes ser feito de nada,  
que, para além de nada, é tudo a mais.

Paul Valéry, escreveu:

*A forma de ser leve como um pássaro e não como a pena, isto é,  
a leveza deve associar-se à precisão e não ao vago abandono ao acaso.*

É curioso reparar como Italo Calvino pormenoriza os modos de alcançar a LEVEZA: *Substituir a tristeza pela melancolia, que a torna mais leve, e a comicidade pelo humor, que lhe faz perder o peso corporal.*

Como exemplo da substituição da tristeza pela melancolia, vou ler o soneto *DEPOIS* (1987):

Pé ante pé, virei depois sentar-me  
junto de ti a conversar contigo,  
e a tua boca poderá beijar-me  
como agora que sou um corpo vivo.

E, docemente, poderás contar-me  
de ti, dos filhos. E o que eu te digo  
irá na mesma ouvindo, sem alarme,  
e quase julgarás estar comigo.

Serei tua visita nas lembranças,  
nos móveis, nos objectos, nas crianças,  
nos pássaros, nas árvores, nos versos.

Tu, como quem arruma a casa, calma,  
saberás encontrar a minha alma  
reunindo as fragmentos mais dispersos.

Suponho que a melancolia deu a este soneto as nuances duma aguarela suave, subtraíndolhe o pêso da tristeza; foi, pelo menos, essa a pretensão do autor.

Em seguida vou ler, e peço desculpa se estou a abusar da paciência que me concedem, curtos exemplos da substituição da comicidade pelo humor, em que procurei definir alguns conceitos dentro de uma linha de leveza.

#### COVEIRO

Inocente e útil.

#### COZINHEIRO

Concede à papila gustativa  
foros de intelectual.

#### ARQUIVISTA

Coleccionador de ciência ou de pó  
conforme a latitude e a longitude.

#### VEGETARIANO

Só fruta da árvore e gineceu.  
O pecado original interpretado à risca.

#### ELITISTA

Troca a humanidade por meia dúzia.  
Ficam sete.

Italo Calvino demora-se na apreciação de Cyrano de Bergera e, considerando o famoso Escritor do século XVI o primeiro poeta do atomismo nas literaturas modernas cuja ironia não consegue disfarçar uma verdadeira *comoção cósmica*, celebrando a unidade de todas as coisas – inanimadas ou animadas – e dando-nos o sentido da precariedade dos processos que as criaram, isto é, perdoem-me a expressão, da sorte que foi precisa para aparecer vida e inteligência em vez de pedra ou um metal nas relativamente raras circunstâncias em que isso aconteceu.

Ao ler estas referências a Cyrano de Bergerac veio-me à ideia a *Breve História do Tempo* do físico inglês Stephen Hawkin, em que, segundo Carl Sagan, se encontram lúcidas revelações de física, de astronomia, de cosmologia e da coragem. E o próprio Carl Sagan acrescenta: É também um livro sobre Deus ... ou talvez sobre a ausência de Deus. Certo é que o Seu nome está escrito em todas as páginas. Termino aqui os meus comentários à LEVEZA.

Pensei que tudo o que fosse falar acerca do que é belo constituía homenagem a Rui Carrington da Costa, à sua personalidade rica de lutador, organizador, cientista e também de amante da arte dotado de fina sensibilidade.

Em todas estas palavras que disse não quis imprimir uma lamentação, a qual, penso, não agradaria a Rui Carrington da Costa, mas sim a imagem do Homem em toda a sua dimensão antropológica face ao infinito que o cerca, a imagem do Homem que, posto perante esse imenso confronto, ainda teima em sonhar.

Foi isso que pretendi essencialmente expressar. Fi-lo o melhor que soube e com um profundo sentido de homenagem.

ARMANDO PINHEIRO